

# EDITORIAL

## Comitê Editorial Executivo

**Alexandre Antônio Timbane**  
**Ivaldo Marciano de F. Lima**  
**Pedro Acosta Leyva**

E segue a vida, e com ela mais uma edição de África(s), periódico que apesar dos pesares, persiste em persistir, numa constante e insistente teimosia de trilhar o caminho da razão. Será que esta vereda está de fato fora de moda? Ora, me disse uma voz desconhecida que isto de ciência e de racionalidade não está na ordem do dia. Que agora devemos lutar e colocar a paixão e a emoção acima de tudo. Que para os temas aqui tratados servem os discursos de luta por isto e aquilo, posto que a distância e a busca pela objetividade não possuem mais lugar. Ouvi desta mesma voz que não há mais espaço para a busca pela objetividade, ou quem sabe a objetivação.

África, no dizer desta voz imponente, é apenas um tema ou motivo para se buscar poesia ou uma história qualquer... O leitor e a leitora devem estar a se perguntar sobre o que estou a escrever, e antes que lancem dúvidas sobre minha razão, informarei que este foi um trecho de uma conversa com uma jovem estudante que me questionava sobre o modo como enceto os temas alusivos ao continente africano e aos modos e formas como entendemos as diferentes Áfricas em nosso país (o Brasil).

Dizia esta jovem que o importante é lutar por direitos para os desassistidos, pelear contra os preconceitos de cor e de gênero, de orientação sexual e religiosa, dentre outros tipos de identidades da atualidade. Para esta jovem, ciência e razão não constituem a tônica e o fim de uma pesquisa ou estudo, mas discursos de quem quer fugir da luta contra um monte de demandas postas na ordem do dia pelos movimentos sociais da atualidade. Ainda, segundo ela, há uma ciência branca que não serve para nada, e que esta razão tem de ser superada, posta de lado “pelos que lutam”.

Eu fiquei perplexo com as questões que me foram colocadas e perguntei sobre o que pensava esta jovem a respeito de temas como saúde, história, objeto, evento... Tudo se resumia, no dizer desta jovem, em lutas que se traduzia no infinito maniqueísmo binário. Será este o resultado das tendências em que cor de pele, orientação sexual e gênero tomam dimensões maiores do que as identidades, historicamente construídas no dia a dia? Seria este o resultado de um contexto em que não importa a pesquisa, o estudo e a análise, mas uma luta contra ou a favor de um sem número de pautas e questões, inseridas em jogos imersos nas epistemes do momento?

Bem, ao que parece os tempos continuam difíceis para aqueles e aquelas que acreditam na pesquisa como meio para compreender eventos e fenômenos, e que estes só são possíveis de serem apreendidos mediante a boa e velha busca pela objetividade, premida pela distância entre sujeito e objeto. E neste meio, todos os aspectos alusivos aos costumes, práticas, hábitos, usos e contextos advindos do continente africano, tecidos no cotidiano de homens e mulheres que respondem suas necessidades (em tramas passíveis e possíveis de serem entendidas e devidamente traduzidas) só podem ser devidamente compreendidos se mediados por um bom e velho método e por um repertório conceitual a sua altura. Ora, as questões, os sentidos e as percepções jamais serão compreendidas sem que se ponha a análise dos modos e formas como se constroem as práticas e os costumes no dia a dia das pessoas.

Semelhante raciocínio serve para os homens e mulheres que em terras brasileiras reivindicam, sob discursos diversos, alguma condição de ser descendente (ou pertencente) ao continente africano. São descendentes por que se reconhecem pela cor, ou por quê sabem quem são os seus pais e avós? A reivindicação é discursiva, construída a partir de metáforas, ou é evidente e balizada em aspectos biológicos? Ora, os que fazem este periódico continuam se regendo pela razão como meio, e pela ciência como modo de compreender os fenômenos que nos cercam, e isto incluem também os discursos e as epistemes. Ao que parece, estamos vivendo tempos em que as subjetividades ganham força, e em alguns casos sobrepujando o que outrora se tinha como limites entre a natureza e a cultura. Mas, correndo riscos de sermos definidos como conservadores, ultrapassados ou o que for possível em termos de adjetivos, ainda nos posicionamos na seara de que algo só se explica mediante evidências, e que não basta achar ou sentir algo para definir uma dada realidade. Quem se assume como africano ou algo do tipo, necessita ter sua reivindicação compreendida, de maneira que saibamos os motivos que balizam seu pleito e construção identitária. A pesquisa e o método servem, portanto, para conhecer o que nos cerca. E aqui nos colocamos como tributários da ciência em sua mais plena acepção!

E é neste caminho que apresentamos mais este número de tão profícuo periódico acadêmico, que insiste em insistir apesar dos tempos adustos e áridos. Com este propósito,

Martinho Pedro, do outro lado do Atlântico, já nas margens do Índico, nos traz um belo artigo com conclusões de deixar muitos e muitas destas terras brasileiras em polvorosa. Ele, Martinho Pedro, em artigo intitulado “**Entre Colonização e Heterogenia no espaço imperial oriental português entre séculos XVI e XVII**”, mostra que os portugueses, assim como os demais europeus, não chegaram ao que hoje denominamos África com ares e poses de conquistador “todo poderoso”, como diria minha filha Mayara Lima. Este processo de construção da inferioridade do homem e mulher de África, e das representações em que estes são destituídos de valores civilizacionais, é sucedido pela criação do conceito de raça, em que o equipamento biológico passa a ser definidor dos aspectos alusivos ao campo da cultura. O artigo de Martinho Pedro, portanto, é daqueles que deve ser lido e relido sem alvoroço. Ele, o artigo, confirma a regra e o dito: o que sabemos sobre África é bem distante daquilo que existe do outro lado do Atlântico.

Ainda no continente africano, mais precisamente em terras moçambicanas, Daniel Figueiredo, no artigo intitulado **Entre o capitalismo e a tradição: acumulação de riquezas como linguagem de poder no norte de Moçambique**, discute sobre práticas tradicionais, no caso, relações culturais adstritas em contextos típicos do capitalismo e de usos e costumes regidos por valores que nem sempre coadunam com a lógica do capital. Aqui, conforme o artigo de Daniel Figueiredo, vale ter pessoas ao seu dispor, mesmo que se tenha gastos além do que se terá de retorno, lucro, no dizer capitalista.

Continuando em Moçambique, desta vez em chão insular, Helena Santos Assunção nos traz indicações de como a construção de amalgamentos culturais vão dando formatos à práticas e costumes de determinado povo. As adaptações do islã, ressignificados em uma sociedade regida por valores premidos por outros códigos são discutidos de forma brilhante e que instigam o leitor e a leitora a quererem não apenas seguir com a leitura, mas também de contemplar os resultados de combinações tão heterodoxas, em se tratando de uma sociedade como a que Helena está a discutir. Vale a pena, portanto, compulsar o artigo “**Batuque sem tambor: islamizações e iniciações na ilha de Moçambique**” do início ao fim.

Na sequência, ainda pisando em terras moçambicanas e respirando os ventos do Índico, temos o desafiador e elegante artigo de Óscar Namuholopa, intitulado “**A luta armada de libertação de Moçambique (1964-1974): contexto, processo e significado**”. Munido de análises das memórias de alguns dos combatentes que estiveram nas primeiras frentes de batalha, e sob as balizas de bibliografia específica sobre o tema, Óscar Namuholopa lança novas questões sobre algo que ainda hoje motiva discussões e estudos diversos acerca do processo que culminou com a independência de Moçambique. O presente artigo, portanto, encontra lugar

lídimo entre aqueles e aquelas que buscam compreender o contexto em suas devidas minudências.

Mantendo-se sob os ventos vindos do Índico, e respirando ares da bela Moçambique, Jeremias Arone Donane, no artigo intitulado “**Memória esquecida, passado e futuro em conflito de identidade: uma leitura sobre Moçambique contemporâneo**”, nos traz uma discussão sobre o contexto político atual deste país e de como as identidades reverberam para uma cultura política. O autor, com base em profícua revisão bibliográfica, mostra alguns dos caminhos e descaminhos percorridos pelos homens e mulheres deste país tão (des)conhecido por nós deste lado do Atlântico. Vale a pena a leitura!

Saindo da costa oriental, caminhando em direção à costa atlântica, chegamos ao que outrora se chamava Costa do Ouro, e que foi após a independência batizada por Gana, com fins de conhecer um pouco mais sobre as relações existentes entre futebol, imigração e política. Em artigo intitulado “**A relação entre a copa do mundo de futebol FIFA 2022 e o Projeto “Ano do Retorno” em Gana**”, Guilherme Silva Pires de Freitas nos mostra detalhes pouco conhecidos do grande público a respeito de como políticas públicas se apropriam de discursos e reivindicações e se espraiam nas searas do futebol, ou, mais precisamente nos campos deste esporte tão festejado e celebrado em tantas plagas. Em seu artigo, Guilherme mostra como Gana se utiliza do recurso da dupla nacionalidade para poder obter proveito e usar a seu favor jogadores de bom nível nos elencos selecionados para a copa. Foi esta a estratégia usada para o evento ocorrido no ano de 2022. Para os que amam esta prática desportiva, vale a pena a leitura, de maneira que se verifiquem as estratégias usadas por tão querido e aguerrido país da costa atlântica do continente africano.

Da costa atlântica, iniciando o processo de travessia, Isaque Pereira de Carvalho Neto, instilando erudição e sapiência a cada linha, nos mostra os encontros possíveis entre duas personalidades no belo e magistral artigo intitulado “**Música e memória no transe atlântico: Artur Arriscado, Agostinho da Silva e o mundo de língua portuguesa**”. A trama, ou o texto, conforme a preferência do leitor ou da leitora, traz consigo as semelhanças entre dois ilustres homens nascidos em pontos distintos do mundo lusofóno. Um estudo em que se apontam detalhes, percepções e ideias de como ambos entendiam e reagiram à diferentes questões relacionadas ao campo da cultura, mais precisamente ao que nomeamos por música. Recomenda-se que o artigo em questão seja lido com grande atenção, para que seja aproveitada toda a erudição presente nas suas linhas e entrelinhas.

Com a travessia do Atlântico consolidada, e fazendo os encontros do que Alberto da Costa e Silva nomeou por “duas margens”, Charles Nascimento de Sá nos presentearia com uma

pérola sob a forma de artigo, intitulado “**De uma costa a outra, governo e autoridade na conexão entre a Capitania da Bahia e a África Atlântica**”. Utilizando-se de documentação e bibliografia específica, este autor nos leva a pensar sobre as relações entre o que viria a ser no futuro Angola e o que seria a Bahia dos dias atuais, indicando que a colonização, diferente do que se pensava até recentemente, possui mais complexidades do que imaginamos. Analisando documentos e correspondência do período pombalino, Charles Nascimento de Sá traz à tona aspectos que demonstram minudências do Império Português da idade moderna, e de como estes se constituíam em algo corriqueiro do período. Acreditamos que o leitor e a leitora irá se espantar e ao mesmo tempo dispor de boas questões de pesquisa após a leitura de tão instigante artigo.

Já com os pés em terras brasileiras, e com o juízo fervendo de tanta erudição, Lucas Mello Neiva fecha este número com o seu genial artigo intitulado “**Max Muller na África: colonialismo e racismo no quadrinho de Augusto Rocha (1913-1916)**”. Contrariando a máxima de que as Histórias em Quadrinhos de nada servem aos historiadores e historiadoras, Lucas Mello Neiva entabula geniais questões sobre as histórias do personagem Max Muller e de como o continente africano era representado nas mesmas. Evidente que tal análise não poderia ser feita sem que o autor lançasse mão de exaustivo estudo sobre Augusto Rocha e o contexto em que este produziu suas histórias. Aqui, com genial maestria, Lucas Mello nos brinda com a análise de um fecundo historiador que extrai o melhor possível de uma fonte outrora inusitada e questionada, mas que nos tempos hodiernos é cada vez mais posta em evidência por pesquisadores do seu calibre. Para quem quer ser mais sábio do que já é, vale a pena ler com dois litros de café do lado, de maneira que não retire os olhos do texto um só segundo.

Enfim, saudando a vida e a alegria, este número é dedicado aos queridos e valorosos colegas que fazem o dia a dia dos Grupos de Pesquisa África do Século XX, sediado no campus II da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em Alagoinhas; e Estudos Africanos e Representações da África, do campus XV, que está situado na bela e agradável cidade de Valença, região do baixo sul baiano. Colegas valorosos, lotados em várias universidades brasileiras, a exemplo de Rodrigo Castro Rezende (UFF), Josenildo de Jesus Pereira (UFMA), Márcio dos Santos Rodrigues (UEMA), Danilo Ferreira da Fonseca (UNICENTRO – Irati/PR), Alex Andrade Costa (UFBA), Detoubab Ndiaye e William Maia (UNEB - DEDC II), Cinthia Nolacio de Almeida Maia (UNEB DCH IV), Alyxandra Gomes Nunes (UNEB DCH V), Josivaldo Pires de Oliveira (UNEB DEDC XIII), Ana Lícia Stopilha, Ana Lúcia Nunes Pereira e Everton Nery Carneiro (UNEB DEDC XV), Charles Nascimento de Sá (UNEB - DCHT XVIII), José Welton Ferreira dos Santos Júnior (UNEB - DCHT XXIII), Pedro Acosta Leyva, Eduardo

Antônio Estevam Santos e Alexandre Antônio Timbane (UNILAB – Campus dos Malês), além de Cristian Arão Silva de Jesus (UNB) e Luiz Felipe Honorato (USP), todos e todas partícipes e responsáveis pela manutenção deste e dos outros dois periódicos (Cadernos de África Contemporânea e Dado(s) de África(s)) que integram o conjunto de atividades que mantemos.... Além destes, há também os que estão do outro lado do Atlântico, e que nos apoiam neste exercício constante de tentar compreender o que se passa no seio dos muitos povos, dispostos em mais de cinquenta países do continente africano. Homens e mulheres que estando do outro lado, ou em terras brasileiras, nos ajudam a desconstruir estereótipos diversas que foram construídas anos a fio sobre o continente africano. Pessoas como Yuri Manuel Francisco Agostinho (Universidade de Luanda), Patrício Batsíkama (ISPT – Luanda), Manuel Cochole Paulo Gomane (Moçambique), dentre outros, constituem nossa esperança no desenvolvimento de relações pautadas no respeito e na harmonia.

**Ivaldo Marciano de França Lima – editor geral.**